



Reflexões ontológicas e cosmopolíticas para o mundo rural.

Ontological and cosmopolitical reflections for rural areas.

ORTUNO, Judit Herrera¹; KUBO, Rumi Regina²

1 Mestranda em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre - RS, Brasil. dosmiltresju@yahoo.es; 2 Doutora em Antropologia Social e Professora do Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre – RS, Brasil. rumikubo2002@gmail.com

Seção Temática: Sócio biodiversidade e Território

Resumo: Este texto pretende constituir-se numa breve reflexão sobre a “virada ontológica” na (sócio)antropologia, como contribuição para a compreensão da complexidade do mundo rural, considerando a rica diversidade de povos e comunidades tradicionais. Levanta-se a perspectiva contemporânea de habitar num “cosmos” constituído por “múltiplas ontologias”, num “pluri-verso” formado por “múltiplas realidades atuadas”. A cosmopolítica sugere um “olhar sensível” às diferentes formas de “ser e estar no(s) mundo(s)”, e propõe a negociação “simétrica” quando os encontros entre as distintas “realidades” geram tensões. Para isto, precisa-se da transformação do próprio fazer científico e político, a partir de uma outra visão do cosmos.

Palavras-chave: múltiplas ontologias; cosmopolítica; etno-antropologia; comunidades tradicionais.

Abstract: This text aims to provide a brief reflection on the "ontological turn" in (social) anthropology as a contribution to understanding the complexity of the countryside, considering the rich diversity of peoples and traditional communities. Rises contemporary perspective inhabit a "cosmos" consisting of "multiple ontologies", a "multi-line" formed by "multiple actuated realities." The cosmopolitics suggests a "sensitive eye" for various forms of "being in the (s) world (s)", and proposes a "symmetrical" when negotiating meetings between the different "realities" generate tensions. For this, you need to make the transformation of the very scientific and political, from another view of the cosmos.

Keywords: multiple ontologies; cosmopolitics; ethno-anthropology; traditional communities.

Introdução - Multiplicidade de ontologias.

Vertentes contemporâneas da antropologia têm proposto uma profunda mudança de foco, do *campo epistemológico*, no qual procura-se compreender o modo como conhecemos o mundo a partir das distintas culturas, para o *campo ontológico*, que centra sua atenção na apreensão dos mundos em que os grupos sociais estão imersos. É a chamada “virada ontológica” da antropologia. Como aponta Márcio Goldman (NOGUEIRA, 2012), os conceitos mais clássicos como “cultura” e “sociedade” trazem “certo mal-estar”. Mais que novas críticas a estes termos, o autor



sugere “inventar ou reativar novos conceitos, novas possibilidades”, gerando “linhas de fuga”, possibilidades de liberação, como a noção de “rede” de Latour. Autores como Bruno Latour e Isabelle Stengers, distanciando-se da preocupação epistemológica com os distintos modos que representamos a realidade, exploram “as associações por meio das quais diferentes entidades vêm a ser no mundo” (SOUZA, 2012). Estes autores consideram que não existe uma “única realidade” e distintas perspectivas ou representações desta, mas que a “própria realidade” é múltipla. Distinguem-se de qualquer essencialismo clássico, afirmando que não existe nenhum princípio a-histórico que explique a existência destas entidades. A abordagem ontológica vai emergir então como uma “tentativa de levar a sério os outros em sua diferença” (SOUZA, 2012), reconhecendo desta forma a existência de “múltiplos mundos”.

LATOUR (2001) afirma a importância de compreendermos outros modelos de viver no(s) mundo(s) distintos dos ocidentais para abrir-nos a recursos ontologicamente políticos que nos permitam construir e viver num “mundo comum”. Assim, o “*monoculturalismo*” indígena é um ótimo recurso: constitui “essa unidade profunda do mundo que caracteriza sociedades que, de fato, são subjetivas” (LATOUR, 2001). Ao mesmo tempo, compreender a política “*multinatural*” indígena desloca o “pensamento ocidental” pelo questionamento de suas bases: supõe entendermos que não existe a unidade da “natureza”. Nas palavras de VIVEIROS DE CASTRO (2012), existe “um outro *uni-verso* que o nosso, um *multi-verso*”.

As diversas ontologias que coexistem neste *multi-verso* não comportam uma coerência interna, mas a realização de mundos que envolvem discrepâncias, tensões e distintas formas de associação. Por isso a política ontológica, que “cultiva a dúvida e presta atenção ao modo como a ação é distribuída em diferentes contextos”, deve “tolerar finais abertos, encarar dilemas trágicos e viver em tensão” (SOUZA, 2012).

Cosmopolítica do sensível.



Nesta linha, STENGERS (2007) introduz e desenvolve o conceito de *cosmopolítica*, reivindicando um olhar atento para os distintos modos de viver no(s) mundo(s). A autora solicita “retardar” os raciocínios, de forma a gerar uma “nova sensibilidade” para outras possibilidades em relação aos problemas e situações que “interessam” (STENGERS, 2007). É preciso “ir mais devagar” para não cair na busca de uma “chave universal” que queira servir “novamente” para todos. Assim, o “cosmos” é uma “multiplicidade de mundos” que emergem e que em algum momento se encontram, sem necessariamente convergir. Estes “encontros” entre os distintos mundos trazem à tona tensões, geram mudanças e adaptações (STENGERS, 2007).

Deste modo, a proposta cosmopolítica de STENGERS (2007) sugere pensar novas formas de inter-relação sensíveis às diferenças e atentas às exclusões e processos de hegemonia resultantes das políticas implementadas tanto histórica como contemporaneamente. Ambiciona explorar relações simetricamente comparáveis entre coletivos muito distintos entre si, evitando nas análises comparativas a “grande separação” modernista entre “natureza” e “sociedade”. A cosmopolítica é então uma “expressão a um só tempo de uma ‘nova natureza’ da política e de uma ‘nova política’ da natureza” (FLORIANI, 2008).

A estratégia de Stengers é tentar produzir modos de negociação entre os chamados “saberes objetivos” (científicos) e as supostas “construções especulativas” (não-científicas), minando desta forma a hegemonia dos “experts”. Trata-se de expandir as fronteiras entre as disciplinas, de promover espaços de diálogo e negociação entre a “razão” e a “opinião” (FLORIANI, 2008). Desta forma Stengers levanta a proposta de pensarmos “eto-ecologicamente” novos repertórios, novas identidades para “vivemos juntos”.

Desconstruções da etno-antropologia.



Neste sentido, e dialogando sobre as distintas ontologias entre o cientista social e o “nativo”, VIVEIROS DE CASTRO (2012) propõe “desorientar o juízo”, relativizar a razão, “fazer variar a verdade demonstrando a verdade da variação”. Neste contexto cosmopolítico, ou de “política ontológica da diferença sensível universal”, o autor sugere “transformações indígenas” da antropologia, para se contrapor às “transformações antropológicas” dos indígenas. VIVEIROS DE CASTRO (2012) propõe deslocamentos epistemológicos (e ontológicos) da própria antropologia a partir do seu “alinhamento em simetria com as pragmáticas reflexivas indígenas, isto é, com aquelas *etno-antropologias* alheias que descrevem nossa própria (etno)antropologia precisamente ao e por divergirem dela”. Deste modo, os distintos povos e grupos sociais passam a ser o “sujeito” da transformação, enquanto que a antropologia se transforma no “objeto” de sua própria transformação. Para VIVEIROS DE CASTRO (2012): “já não se trata mais de ‘emancipar o nativo’, mas de emancipar a antropologia de sua própria história”. E ainda: “com esta ‘vacina antropofágica’ (...) é o índio que virá (que eu vi) nos emancipar de nós mesmos. Antes de sairmos a emancipar os outros (de nós mesmos), emancipemo-nos nós mesmos, com a indispensável ajuda dos outros”.

Seguindo a lógica da antropologia simétrica de Latour, VIVEIROS DE CASTRO (2012) afirma que o que está em jogo não é “descobrir as igualdades”, mas acolher integralmente as diferenças para construir o “comum”. A simetrização consiste então em “tornar continuas as diferenças entre todos os termos analíticos”. É na “transformação à indígena” da antropologia que VIVEIROS DE CASTRO (2012) enxerga a abertura de um “portal dimensional capaz de nos libertar de nossa clausura cosmológica” e ontológica.

Conclusões

Neste rápido percurso entre alguns dos “pensamentos” de Latour, Stengers e Viveiros de Castro, percebe-se uma proposta de transformação “radical” da ciência e da política a partir de uma “nova” forma de compreender o cosmos, composto por



“múltiplas realidades”, múltiplos modos de “ser e estar no(s) mundos(s)”. Faz-se necessária uma política ontológica do sensível, que preste atenção aos diferentes modos de estar no(s) mundo(s) e que possibilite “espaços simétricos” de negociação entre as múltiplas ontologias. Para isso é imprescindível que a própria ciência permita-se deslocar do seu papel “privilegiado” de “única conhecedora da ‘verdade’”, e assim consiga se enxergar a ela mesma como uma ontologia que convive com uma multiplicidade de outras ontologias num “cosmos” complexo e multifacetado. Parece urgente que a ciência dê atenção para estes mundos diferentes e permita ser tocada e transformada por eles.

Referências bibliográficas:

FLORIANI, Dimas *et al.* Para pensar a ‘subjatividade’ no debate do sócio-ambientalismo. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPPAS, 4, 2008, Brasília -DP. **Anais eletrônicos ANPPAS**. Brasília: ANPPAS, 2010. Disponível em: <http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT15-968-766-20080518224342.pdf>.

Acesso em: 18 jul. 2014.

LATOUR, Bruno. A ecologia política sem a natureza? Trad. Maria Thereza Sampaio. **Projeto História** – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História São Paulo, n. 23, nov. 2001. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/10667/7928>. Acesso em: 18 jul. 2014.

NOGUEIRA, Silvia e PIRES, Flávia. Antropologia Pós-Social, perspectivas e dilemas contemporâneos: entrevista com Marcio Goldman. **Campos** – Revista de Antropologia Social, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Paraná, v. 13, n. 1, p. 93-108, 2012.

SOUZA, Iara Maria de Almeida. A noção de ontologia múltipla e suas consequências políticas. In: **ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, 36, 2012, Águas de Lindóia - São Paulo. Disponível em: http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=8114&Itemid=217. Acesso em: 18 jul. 2014.

STENGERS, Isabelle. La proposition cosmopolitique. In: LOLIVE, Jacques ; SOUBEYRAN, Olivier. **L’émergence des cosmopolitiques**. Paris: Éditions La Découverte, 2007.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Transformação” na antropologia, transformação da “antropologia”. **Mana** – Estudos de Antropologia Social, v. 18, n. 1, Rio de Janeiro, abr. 2012.